

O MAPA: REGISTROS DA POÉTICA URBANA DE MARIO QUINTANA

Mônica Luiza Socio Fernandes*

Resumo: Esta proposta, desenvolvida com apoio da Fundação Araucária/PR, tem como foco o estudo das representações espaciais da cidade de Porto Alegre, encontradas na obra de Mario Quintana. Seus poemas trazem o espaço como um lugar de muitos significados, uma vez que é perpassado pela vivência e pelo registro poético de seus costumes, preferências, rotinas e trajetos na capital gaúcha. Amparam a pesquisa os estudos voltados a questões entre a literatura e o espaço como os de Bachelard (1993), Haesbaert (1997), Corrêa e Rosendahl (2007), Carlos (2001) e Santos (1978, 1985).

Palavras-chave: Literatura. Poesia. Espaço.

INTRODUÇÃO

■ **O** desejo de registrar o cenário urbano não é recente, muitos foram os escritores que, sob uma óptica diferenciada, deixaram impressa em suas obras a observação do meio, mesclando traços da realidade e do imaginário na composição de um novo ambiente, carregado de subjetividade. São apontamentos que apresentam, às vezes, o lado obscuro, o lado marginal, aquele lado não valorizado ou não observado pela maioria das pessoas. Podem ainda criar um espaço ideal, evocar atmosferas metafóricas ou sugerir lugar algum. Esse olhar geográfico para a literatura é capaz de produzir detalhes que, organizados e sistematizados no texto, podem ser importantes fontes para a compreensão da representação ambiental e da organização espacial, contribuindo e enriquecendo as análises literárias.

Chama a atenção na obra de Mario Quintana a forma como o autor utiliza o espaço, por isso nosso interesse em analisar e interpretar a representação do espaço geográfico da cidade de Porto Alegre por intermédio da leitura e do estu-

* Professora adjunta no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – Curitiba – PR – Brasil. E-mail: msociofernandes@gmail.com

do de seus poemas. Para este artigo, escolhemos *O mapa*, um representativo poema em que há registros da configuração do espaço físico de maneira poética, uma forma particular de ver e entender a cidade.

LITERATURA E GEOGRAFIA: UMA POSSIBILIDADE DE ESTUDO

Para a geografia, o espaço é uma categoria de análise. Segundo Milton Santos (1985), o espaço deve ser analisado a partir das categorias: estrutura, processo, função e forma, consideradas em suas relações dialéticas com a história e a sociedade em relação a diferentes tempos, permitindo a percepção de movimento.

Não podemos analisar o espaço sem considerar a totalidade dessas categorias, uma vez que “se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções” (SANTOS, 1978, p. 122) entendidas como indissociáveis. Seguindo a classificação do autor, interessa observar a forma (enquanto aspecto visível e exterior que estabelece um padrão espacial); a função (relacionada a uma atividade ou papel); a estrutura (liga-se à natureza social, histórica e econômica de uma sociedade em determinado tempo); o processo (uma ação no tempo, implicando mudança); e, por fim, a paisagem (domínio do visível, integrando volume, cores, movimento, odores, sons), por serem elementos indispensáveis à compreensão do aspecto espacial.

Santos (2008, p. 322), em suas reflexões, ressalta que

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Se, por um lado, temos os dados provenientes da realidade, por outro, o agir humano é permeado pelos aspectos simbólicos e afetivos; daí decorrem as variantes na forma como o espaço é percebido e certamente interferem na maneira como ele é expresso. Retomando o pensamento de Bailly (1991), por meio da carga simbólica presente no texto literário é possível ainda interrogar o real, ligando o ser humano e o espaço em sua plenitude.

Tissier (1991, p. 237, tradução nossa) vai mais longe ao afirmar que “A literatura é uma geografia humana”¹, confirmando o interesse comum das áreas e aproximando a literatura e a geografia humanística na compreensão das relações do homem com o espaço em que vive e dos valores a ele atribuídos na busca de uma visão mais completa acerca desses elementos.

Também para a literatura, o espaço é um importante componente. Explicitando a importância da relação entre a literatura e o espaço, Moisés (1993, p. 166) defende que “um planeta sem o fenômeno poético ainda restaria em estado bruto, e um fenômeno poético desenvolvido num espaço alheio à Natureza e ao Cosmos é autêntica utopia”.

Explorar as referências à espacialidade pode revelar, além do conjunto arquitetônico de casas, prédios, ruas, praças e da paisagem natural composta por rios, montanhas, vales entre outros, sentimentos relacionados aos lugares frequentados e/ou imaginados. Dessa forma, a literatura evidencia sua rela-

1 No original: “La littérature est une géographie très humaine”.

ção com o espaço ao recriar possíveis aspectos da realidade físico-humana, perpassados pela vivência e pela fantasia do escritor. Justamente o que Moisés (1993, p. 167) chama de atualização do espaço, por entender que “o fenômeno poético somente se manifesta como espaço criado, é o espaço que engendra, não uma cópia da geografia física, mas como uma analogia do seu mecanismo gerador” que se espacializa para desocultar, para dar conhecimento, por meio da manipulação das palavras, ao espaço em plenitude, visão coincidente à de Bailly (1991).

Sobre o espaço e seus significados na literatura, Haesbaert (1997, p. 30) admite que

[...] cada indivíduo preenche o seu espaço não apenas com um conjunto de instrumentos e utilitários, mas também de emoção e sensibilidade, pois amamos, sofremos e podemos, pelo menos na imaginação, expressar todos os sentimentos e todos os espaços do mundo.

Tal ideia confirma a literatura como uma forma de expressão na qual o espaço assume essas múltiplas significações.

Conforme Sevcenko (1983, p. 233),

[...] a literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendrem ideias ou fantasias somente para a instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo.

Considerando o exposto, pensamos que mesmo um aspecto palpável como é o caso dos referentes às configurações espaciais: movimento, paisagem, lugares da cidade, dentre outros – que em princípio estariam relacionados a estudos geográficos, por serem parte de uma obra literária –, teriam que receber um olhar diferenciado. Portanto, optamos por buscar auxílio em outra área que contribuisse para compreendermos melhor esse aspecto da pesquisa. E encontramos, na geografia humana, uma abordagem que considera em seus estudos o texto literário “como transcrição de experiência de lugares”, “como história paralela”, “como parte da alteridade”, ou seja, como se “capta a paisagem, o lugar e o espaço” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 11-12). Assim, a noção de espaço vivido associado à subjetividade, como sentíamos necessidade de enfocar, pode ser explorada. É uma forma de valorizar as motivações e as escolhas por um espaço ou por outro, conforme preferências que redimensionam os espaços.

Vale ressaltar que

[...] a literatura empresta novo sentido à análise da forma, envolve um universo de significações que a ultrapassam. Simultaneidade, convergências, encontros e possibilidades guardadas no processo de apropriação. A apropriação do espaço da cidade, que envolve todos os sentidos e, por isso mesmo, os desejos. A literatura permite pensar a dimensão do processo de construção da humanidade do homem na reprodução do espaço, que enriquece a análise da cidade (CARLOS, 2001, p. 63).

De acordo com Bachelard (1993, p. 19), “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão geométrica. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”. É justamente esse espaço, enriquecido com novas ima-

gens poéticas, que pretendemos explorar em sua potencialidade e significações, uma vez que concordamos com Compagnon (2009, p. 52) quando diz: “A literatura é um exercício do pensamento; a leitura, uma experimentação dos possíveis”.

Acreditamos que analisar um texto por um outro prisma além do literário, nesse caso, com a contribuição dos estudos da geografia, é ampliar seu valor significativo.

UM MAPA POÉTICO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE

A produção poética de Mario Quintana possui muitos vestígios da percepção espacial da cidade onde viveu boa parte da vida. Somente como exemplo, citamos alguns lugares recorrentes em seus poemas: A Praça da Alfândega, o Jornal Correi do Povo, o Hotel Magestic – hoje transformado em Casa da Cultura Mario Quintana –, o Rio Guaíba, o Mercado Municipal, a Rua da Praia, o café, o cinema.

Para incrementar o pensamento sobre um olhar poético para os espaços, citamos uma passagem de Proust (2002, p. 683), na qual o autor expressa que somente pela arte “podemos sair de nós mesmos, saber o que enxerga outra pessoa desse universo que não é igual ao nosso, e cujas paisagens permaneceriam tão ignoradas de nós como as por acaso existentes na lua”. Isso acontece porque há muito mais detalhes do que os sentidos podem perceber, ficando sempre algo a ser explorado. É o sentimento que aflora em nós quando lemos os versos de Quintana, aumentando o interesse pelos significados que não se revelam de imediato.

Acreditamos que essa específica forma de representação geográfica revela importantes traços da realidade vivida e observada e que seja um ponto de encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade. Assim, os poemas de Mario Quintana trazem o espaço como um lugar de significados complexos, uma vez que sua configuração é perpassada pela vivência e pelo registro poético de seus costumes, preferências, rotinas e trajetos na capital gaúcha; contudo, um espaço sempre novo, que reflete seu mecanismo criador. Uma maneira de mostrar seu pertencimento à cidade e sua identificação com os elementos desse ambiente impregnado de lembranças e de significados latentes.

Quintana, muitas vezes, imprimiu um caminhar solitário – talvez isso tenha contribuído para intensificar o hábito de grande observador da paisagem citadina. Em suas andanças, percorreu os labirintos das ruas, frequentou cinemas, bares, jornais, praças, quartos de pensões e hotéis que serviram de pontos de encontros e desencontros de uma vida dedicada à poesia e, parte dela, à cidade de Porto Alegre.

Um importante poema sobre a cidade é *O mapa* (QUINTANA, 1998, p. 143). Nele, percebemos um misto de realidade e poesia que dificilmente se esgota nas palavras ali organizadas. Há um sentimento profundo que perpassa cada verso do poema, delineando detalhadamente a cidade personificada.

O mapa

Olho o mapa da cidade

Como quem examinasse

A anatomia de um corpo...

(E nem que fosse o meu corpo!)

*Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...*

*Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuance de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)*

*Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso*

*Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Desde já tão longo andar!)*

E talvez de meu repouso...

Na prática, para a elaboração de um mapa, é necessário coleta, sistematização, classificação e ordenação de dados. Além disso, também são observadas diferentes perspectivas que atendem a generalizações e culminam numa representação simbólica. Embora cada uma das representações do mapa corresponda a um dado espacial, essa produção cartográfica, que não deixa de ser uma representação imaginária e abstrata, não é um espelho que reflete fielmente o local em todos os seus pormenores, uma vez que não está isenta de perdas, reduções e distorções. Afinal, é uma tentativa de apreender em duas dimensões o que existe na realidade tridimensional, ou seja, é um complexo exercício de projeção. Na concepção de Cosgrove (1999, p. 2-3) mapear não se restringe a arquivar medidas do mundo, mas inclui também o que é lembrado, imaginado, contemplado, admitindo o que é criativo.

Pensando em histórias relacionadas a mapas, podemos mencionar desde as brincadeiras e músicas próprias do universo infantil até os grandes segredos que tais cartas guardaram. Escondendo o caminho de valiosos tesouros; motivaram inúmeras guerras entre desbravadores ávidos por terras, também apontaram caminhos ou rotas para muitos conquistadores de riquezas em aventuras reais e imaginárias. O resgate dessas narrativas nos faz concordar com o que diz Morgan (1989, p. 89): “Os mapas são a nossa literatura mais antiga”.

Se tivéssemos aqui um mapa da cidade de Porto Alegre, para visualizarmos seus contornos, encontraríamos inúmeras representações aos seus pontos de referência, como as praças, a catedral, o museu, o famoso Rio Guaíba que margeia a cidade, bem como o nome de ruas e avenidas, entre outras particularidades. Esses detalhes ajudariam a tornar a experiência mais concreta, mas não é nossa intenção. Pensamos simplesmente em ativar alguma imagem retida que possa se aproximar da cidade de forma imaginária porque, conforme Paz (1982, p. 129), somente esse tipo de “imagem diz o indizível”, justamente pela capacidade de conciliar opostos e não permitir que a pluralidade de sentidos desapareça.

Na interpretação de um mapa, necessitamos de nossa capacidade de memória, a fim de atribuir significado e valor às imagens que direcionam nossa percepção, dialogando com nossa experiência sobre o espaço. Na visão de Carlos (2001, p. 51), isso acontece porque

[...] há um sentido indelével na superfície das coisas, marcando momentos e ações diferenciados. O lugar se constitui em um movimento que alia passado-presente, além de conter as possibilidades futuras, todos eles impressos nas formas, que revelam um conteúdo dado pela prática social: assim, forma é imediatamente conteúdo.

Um mapa é um meio de armazenar conhecimentos sobre uma superfície terrestre que objetiva ser duradouro. Ele até pode apreender a forma em um dado momento, mas não é suficiente para apontar os caminhos que se redimensionam o tempo todo, motivados pelas constantes necessidades de mudanças, especialmente num grande centro, como é o caso de Porto Alegre. Os locais acabam sendo destinados a outros fins que não os originais. O surgimento de novas formas acarreta o desaparecimento de marcas e de referências históricas, contribuindo para a fragmentação da identidade e a perda da memória social. Com tantas mudanças, o progresso dita um novo ritmo mais acelerado, o que dificulta o reconhecimento de referenciais mais antigos. O sentimento comumente criado pela metamorfose do espaço é o estranhamento. As situações inesperadas podem ser comparadas a labirintos e produzem a sensação de angústia e de solidão diante do desconhecido, do não identificado.

Considerando que o espaço ganha significado pelo seu uso, a novidade das formas citadinas prejudica o que há de lúdico nesses locais, pois as referências afetivas estão relacionadas à memória de tempos distintos em que se misturavam às formas e às construções a história, as imagens, os sonhos, as leituras. Nesses termos, o espaço se transforma em um lugar de passagem fundamentado pela efemeridade.

No poema, logo de início, destacamos o seu título, pois remete diretamente à carta cartográfica da capital rio-grandense. Para a observação de ambas as produções de forma comparativa, estabelecemos a relação de equivalência, a saber: o poema à cidade, as estrofes às quadras e os versos às inúmeras ruas de Porto Alegre. Num primeiro olhar, os versos e o mapa revelam um conjunto formado por elementos de tamanhos e de formas diversas, confirmando detalhes das proximidades que foram dos aspectos mais amplos aos mais restritos.

O poema mantém, predominantemente, versos de sete sílabas, o que demonstra preocupação construtiva que tende à regularidade sem deixar de atender a alguma particularidade. No planejamento de uma cidade também há a tentativa de padronizar as quadras e ruas, mas nem sempre a topografia permite a regularidade perfeita. No poema e no mapa, uma regularidade extremada soaria como engessamento das formas; para a paisagem da cidade, as curvas, os declives e as saliências seriam prejudicados; no texto poético, a tentativa de metaforicamente aproximá-lo de um corpo também seria frustrada.

Diante do desenho da cidade, o olhar do eu-poético mostra-se contemplativo a examinar um espaço guardião de vontades e de lembranças que favorecem a imaginação e o sonho, transcendendo a condição da existência. Traça um mapa a partir de suas experiências pessoais, confundindo a cidade com seu próprio corpo relacionado à vida e à morte.

Sobre a relação do mapa com o corpo, também somos levados a rever sua anatomia e composição. Assim, as ruas e o movimento que se imprime num grande centro equivalem às artérias e às veias que levam o fluxo sanguíneo a todo o corpo. Nesses parâmetros, a cidade funciona como um organismo vivo dependente das relações que ali se estabelecem.

Geograficamente, bem como no poema, o mapa, comparado a um corpo, é identificado com a matéria. Enquanto matéria, é limitado e relativizado no espaço; nesse caso, da cidade com a qual se identifica.

Na segunda estrofe, composta por um só verso, uma imagem é sugerida pelo desenho das palavras dentro dos parênteses que funcionam como limitadores: “(E nem que fosse o meu corpo!)” (QUINTANA, 1998, p. 143). Pensando no corpo, o limite físico o prende à cidade; já no mapa, os limites são dados pelas margens do desenho no papel. Em ambos os casos, há contornos que moldam as formas.

Apesar desse espaço limítrofe para a matéria, os versos seguintes ultrapassam o espaço físico, alcançando o espaço imaginário. Passam a mencionar sentimentos relativos à cidade, suas ruas e esquinas. Pelo contato com essas esquinas esquisitas surge a encruzilhada que, segundo Canton (2009, p. 27), é

[...] entroncamento múltiplo de caminhos, é um símbolo recorrente na história da humanidade. É um local de aparições, revelações, de passagem de um mundo a outro, de encontro com o destino [...] um encontro sagrado, em que ele abandona uma parte de si mesmo a fim de abrir-se para outra. É um novo encontro com o eu e com o outro, com a própria história e com a cidade.

Os estudos de Canton apontam para uma situação semelhante à percebida nos versos de Quintana, que sugerem espaços sequer conhecidos, espaços jamais percorridos, mas, nem por isso, inexistentes.

Como o espaço de um sonho permite a idealização em quadros que tendem ao surreal, por descondicionar o que é preestabelecido, segue atribuindo à cidade características que vão da estranheza ao encantamento, somadas à dor infinita do que não viveu em suas andanças pelo ambiente citadino. Os versos apresentam um lamento por não ter o domínio de todos os espaços da cidade, por conhecer apenas fragmentos desse ambiente urbano que cresce constantemente, constituindo novos espaços que seduzem ainda pelo que têm de enigmático.

Esse espaço dos sonhos é novamente limitado pelos parênteses no final da quarta estrofe. Dessa forma, abre-se a um outro espaço que ultrapassa a existência terrena. Em tom premonitório, trata da eterna e invisível relação entre o caminhante e a cidade. A personificação do eu-lírico pode ser sentida em pequenas coisas, como a poeira, a folha levada, o vento da madrugada. Coisas que são, mas que, ao mesmo tempo, não representam nada para quem não é capaz de sentir o que se desfaz no ar, o que muda com o tempo, o que é breve como a vida, o que marca pelo mistério.

Para Canton (2009, p. 22),

[...] dialogar com o espaço citadino [...] é também compor uma tapeçaria sonora, visual e tátil, vislumbrando a diversidade idiossincrática de seus habitantes, sua arquitetura, sua sinalização, seus códigos cotidianos. Conversar com tudo isso é abraçar o caos e se emocionar com o estranhamento.

É exatamente o que faz o poeta ao trazer a cidade para seus versos, mostrando detalhes invisíveis e silenciosos que passariam despercebidos se não fosse o seu olhar treinado pela experiência de seu “tão longo andar” (QUINTANA, 1998, p. 143).

Na tentativa de complementar essa ideia, vale trazer o pensamento: “O sentido da cidade é dado pelas andanças que fazem parte da vida e/ou a determinam” (CARLOS, 2001, p. 58). Destarte, um sentido que vai além da forma, pois articula o real com o imaginado, a necessidade à vontade, o visto ao ilusório, a presença à ausência numa multiplicidade de retomadas e projeções.

Um mapa é ainda uma representação esquemática, em escala menor, de uma área mais ampla. Assim as coisas se concentram e, de certa forma, parecem articuladas, efeito possibilitado pela visão do todo. Já no caso de uma cidade real, não é possível termos essa visão de totalidade a não ser que estejamos acima dela e em distância considerável. Desse prisma, o que vemos equivale à visão de um mapa, pois à medida que a distância aumenta, a cidade fica menor. Se, por um lado, é possível a visão do todo, por outro, os detalhes se perdem com afastamento, e tudo se aglomera assumindo um novo contorno.

Observar por um plano superior a cidade, o mapa e o corpo que se confundem sugere a sensação de liberdade, conquistada pela liberação do corpo e pela possibilidade de traçar novos caminhos desconhecidos e improváveis na lógica de nosso mundo, do lugar fixo, da matéria e dos limites. Na verdade, essa perspectiva aérea é a única que não oferece limites.

O mapa de Quintana, diferentemente de um mapa habitual, constrói um espaço que em nenhum momento remete a algum ponto específico da realidade porto-alegrense. Lembramos que [...] o espaço não se define no vazio: estabelece-se em relação a objetos, uma vez que estes, em suas três dimensões (comprimento, largura e espessura), se contêm nalgum(ns) ponto(s) da atmosfera e permitem supor fora deles a existência de outros pontos infinitos (MOISÉS, 1993, p. 158-159).

Apesar de estar claro o sentimento de amor pela cidade, há nessa opção de se criar um espaço, que podemos entender como autônomo, uma maneira de marcar resistência ao espaço citadino e aos seus limites. O poema, o tempo todo, rompe com o que é físico e se projeta como um não lugar repleto de ausências e de coisas que notadamente poéticas, efêmeras e generalizadas.

Os versos foram da matéria ao sonho e do sonho à morte. Por fim, um último verso entre parênteses define mais um espaço a ser ultrapassado, o da morte. Esse verso estabelece o espaço final, o retorno do corpo à terra, um lugar apropriado ao descanso e ao silêncio. Isso pode ser explicado porque a “significância marcada pelo lugar onde se desenvolveu uma parte significativa da vida cria os símbolos do reconhecimento; a vida não se realiza suspensa no ar, mas enraizada em um lugar” (CARLOS, 2001, p. 232).

No aconchego da terra, o corpo deve descansar, “talvez” porque não se sabe ao certo se esse seria seu destino, mas com certeza é o seu desejo. Indica o repouso do corpo na cidade que foi vida, sonho e morte, aprofunda a relação que vai além da existência por associações ao invisível e incorpóreo e pelas marcas de um amor eterno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos como necessária a implementação de pesquisas de natureza multidisciplinar em que áreas de saberes distintos contribuam para ampliar as possibilidades de diálogo que auxiliem o entendimento das relações humanas,

cada vez mais complexas. Refletir sobre as representações urbanas encontradas em textos literários, nesse caso, tendo como base o poema *O mapa*, de Mario Quintana, é ter uma visão que não foca somente os aspectos físico-geográficos de Porto Alegre, pois também integra ao poema outros elementos simbólicos e outras linguagens que se cruzam na composição do cenário urbano, numa trama de múltiplas vozes e sentidos perpassados pela existência do poeta.

As análises amparadas por estudos literários e geográficos, ligados ao aspecto cultural/humanístico, revelaram detalhes do ambiente na confluência do possível e do impossível, numa nova maneira de pensar o espaço citadino. Ainda permitiram incursões na tentativa de descortinar seus sentidos em meio à pluralidade de formas, condicionadas a conteúdos que revelam as necessidades oriundas das práticas sociais e dos contínuos atos cotidianos da vida humana.

O MAPA: RECORDS OF MARIO QUINTANA'S URBAN POETICS

Abstract: *The focus of this proposal is the study of the spatial representations of Porto Alegre that can be found in the work of Mario Quintana. His poems bring space as a place of plural meanings, once it is pervaded by his experience and by the poetic record of his customs, preferences, routines and paths in the city. The research is supported by studies on issues between literature and space, such as Bachelard (1993), Haesbaert (1997), Corrêa and Rosendahl (2007), Carlos (2001) and Santos (1978, 1985).*

Keywords: *Literature. Poetry. Space.*

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAILLY, A. Les représentations en géographie. In: BAILLY, A.; FERRAS, R.; PUMAIN, D. (Org.). *Encyclopédie de Géographie*. Paris: Economica, 1991. p. 369-381.
- CANTON, K. *Espaço e lugar*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- CARLOS, A. F. A. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.
- COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- COSGROVE, D. Introduction: mapping meanings. In: COSGROVE, D. (Org.). *Mappings*. London: Reaktion Books, 1999. p. 1-23.
- HAESBAERT, R. Território, poesia e identidade. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 20-32, 1997.
- MOISÉS, M. *A criação literária: poesia*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MORGAN, C. A magia dos mapas. *Seleções do Readers Digest*, Lisboa, t. 37, n. 222, p. 89-91, dez. 1989.

- PAZ, O. *O arco e a lira*. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PROUST, M. *Em busca do tempo perdido*. Tradução Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- QUINTANA, M. *Apontamentos de história sobrenatural*. 6. ed. São Paulo: Globo, 1998.
- SANTOS, M. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.
- SANTOS, M. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- TISSIER, J.-L. Géographie et littérature. In: BAILLY, A.; FERRAS, R.; PUMAIN, D. (Org.). *Encyclopédie de Géographie*. Paris: Economica, 1991. p. 235-255.

Recebido em junho de 2013.
Aprovado em fevereiro de 2014.